

# “Nesse país são todos devoradores de homens”: o Brasil aventureiro de Emílio Salgari\*

GIORGIO DE MARCHIS\*\*

**RESUMO:** O artigo se propõe a analisar a imagem do Brasil presente no romance *L'uomo di fuoco* (*O homem de fogo*), publicado em 1904, pelo escritor italiano Emilio Salgari. A partir dos acontecimentos relacionados ao Caramuru e reelaborando a representação tradicional do Brasil como país de canibais por antonomásia, Salgari apresenta uma paisagem de beleza admirável, habitada, no entanto, por criaturas ferocíssimas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Brasil; Caramuru; Emilio Salgari; Imperialismo; Romance de Aventura.

**ABSTRACT:** The article proposes to analyze the image of Brazil present in the novel *L'uomo di fuoco* (*The Man of Fire*), published in 1904, by the Italian writer Emilio Salgari. From the events related to Caramuru and re-elaborating the traditional representation of Brazil as a country of cannibals by antonomasia, Salgari presents a landscape of admirable beauty, inhabited, nevertheless, by ferocious creatures.

**KEY WORDS:** Adventure Novel; Brazil; Caramuru; Emilio Salgari; Imperialism.

---

\* Tradução: Maria Celeste Tommasello Ramos. Revisão da Tradução: Giorgio De Marchis e Pedro Henrique Pereira Graziano.

\*\* Dipartimento di Lingue, Letterature e Culture Straniere – Università degli studi di Roma 3 – Via del Valco di San Paolo, 19 – 3° piano – 00146 – Roma – Italia. E-mail: giorgio.demarchis@uniroma3.it

É provável que se possa cartografar a geografia imaginária do romance de aventura. Desejando partir do romance gótico inglês, conhecido pelas obras de Walpole, Monk e de Radcliffe, é notório que a Europa meridional (e principalmente a Itália), feroz e sanguinária, vítima das suas próprias superstições bem como da inquisição católica, fosse um cenário privilegiado que, no seu desvínculo histórico e imprecisão, revelava uma autêntica “paisagem da alma” (BIANCHINI, 1988, p. 28); em seguida, em meados do século XIX, – paralelamente à descoberta das oportunidades romanescas oferecidas pelas novas dimensões, que eram ao mesmo tempo excitantes e ameaçadoras, da cidade oitocentista, habitada pelos *moicanos urbanos* que, como recordava Sue, em seu romance mais célebre, eram “não menos fora da civilização dos horrendos selvagens assim muito bem representados por Cooper” mas “estão em meio a nós; podemos encontrá-los, aventurando-nos nos covis onde vivem, onde entram em acordos para estabelecer assassinatos e roubos, para então dividir os despojos de suas vítimas” (SUE, 1996, p. 3–4) – o espaço da aventura popular se dilata, em seguida, atingindo, por um lado, a América do Norte pela conquista do Oeste, e pela corrida do ouro, e por outro lado, desvelando (frequentemente em função anti-britânica nos escritores franceses) as armadilhas da Índia, com seus estranguladores Tugues<sup>1</sup> impiedosos e a seta feroz dos Filhos de Kalí. Enfim, nas últimas décadas do século XIX, o romance de aventura – na onda dos imperialismos europeus, ocupados de várias maneiras na *Corrida desenfreada pela África* e na partição da Ásia – se apropria definitivamente de todos os lugares do planeta (não hesitando, algumas vezes, em tentar também as primeiras empreitadas extraterrestres!).

Assim, somente para citar os títulos mais conhecidos de uma produção sem fim, pode-se recordar obras como: *O leão do Sudão* (Louis Noir, 1869), *O tigre da Malásia* (Emilio Salgari, 1883) e *As aventuras de três russos e três ingleses na África austral* ou *A volta ao mundo em oitenta dias* (Jules Verne, 1872 e 1873).

No entanto, no desejo de reconstruir a imagem do Brasil no interior da fantasiosa geografia elaborada pelos romancistas populares entre o final do século XIX e o início da Primeira Guerra mundial, se nota um desinteresse em relação a este país sul-americano. Os mesmos escritores portugueses parecem ignorar o potencial erótico-exótico-aventuroso elevado oferecido pela ex-colônia, visto que, nesse período, as obras que apresentavam ambientação brasileira eram apenas quatro: *Os selvagens*, de Francisco Gomes de Amorim, publicado em 1875; *A conspiração de Pernambuco*, de M. Pinheiro Chagas, editado em 1879; *No Brasil: uma epopeia marítima. Romance histórico da actualidade* e *O guia de Mato Grosso*, ambos de Eduardo de Noronha, publicados em 1905 e 1909, respectivamente (REGO & CASTELO-BRANCO, 2003, p. 163-245).

Os cenários privilegiados da narrativa popular lusitana são, de fato, outros: a África<sup>2</sup>, alinhados à configuração mítica da tão agressiva quanto inadequada política africana do

---

<sup>1</sup> Nota da Tradutora: Organização de assassinos na Índia, que atacava viajantes.

<sup>2</sup> J. DA SILVA MENDES LEAL, *Os mosqueteiros d'África* (1865); D. FERNANDES DAS NEVES, *Itinerário de uma viagem à caça dos elephantes* (1878); LEITE BASTOS, *Os dramas d'África: grande romance de sensação* (1887); A. E. VITÓRIA PEREIRA, *Portuguezes e ingleses em África* (1892); Ó. LEAL, *Atravez da Europa e da África* (1901); J. DA FONSECA LAGE, *Os bandidos d'Angola* (1907).

governo de Lisboa que, como se sabe, levará em breve ao humilhante *Ultimatum* inglês de 1890; e a Ásia<sup>3</sup>, quando, também como reação compensatória ao choque dos anos noventa, os autores celebrarão a patriótica coragem dos heróis do século XVI, na vã tentativa de oferecer aos leitores um ingênuo modelo regenerativo<sup>4</sup>.

Todavia, mesmo que por razões diferentes, a ex-colônia sul americana podia não interessar aos escritores portugueses, é sem dúvida o mesmo sentimento que também fez o mais conhecido narrador italiano de aventuras, o veronês Emilio Salgari, dedicar ao Brasil poucas páginas no complexo de sua interminável produção. Fora três breves contos surgidos por meio do pseudônimo Capitão Guido Altieri, na série “Bibliotequinha Aurea Ilustrada”, do editor siciliano Salvatore Biondo<sup>5</sup>, somente um romance de Salgari, entre outras coisas não pertencente aos ciclos maiores, é, de fato, inteiramente ambientado no Brasil: *L'uomo di fuoco (O homem de fogo)*, publicado pelo editor genovês Donath, em 1904, que se apresenta como uma curiosa reescritura para-literária dos feitos de Diogo Álvares Correia – já narrada, como se sabe, por Santa Rita Durão no poema *Caramuru*<sup>6</sup> e por Varnhagem, no homônimo romance em versos, de 1859, também se, como lembra Cristiano Daglio (2003, p. XXIII-XXXIX), é muito provável que Salgari não tenha nunca lido esses dois textos<sup>7</sup>.

Então quais imagens do Brasil surgem pelos romances desse romancista popular? Em primeiro lugar, se trata, sem dúvida, de uma terra anormal – os adjetivos salgarianos mais recorrentes na descrição da natureza são *gigantesco*<sup>8</sup>, *smisurato*<sup>9</sup> (desmedido ou sem tamanho),

---

3 F. L. GOMES, *Os Brahamanes* (1866); MANUEL PINHEIRO CHAGAS, *A jóia do Vice-Rei* (1888); M. PINHEIRO CHAGAS, *A descoberta da Índia* (1890-91); H. LOPES DE MENDONÇA, *Os orphãos de Calecut: romance histórico-marítimo original* (1894); LOURENÇO CAYOLLA, *O despertar de um sonho* (1897); Ó. LEAL, *Um marinheiro do século XV: romance histórico sobre a descoberta da Índia* (1898); CÂNDIDO DE FIGUEIREDO, *Amores de um marinheiro* (1898); J. A. DE OLIVEIRA MASCARENHAS, *Tragédias da Índia: romance histórico e de costumes indianos* (1901); ARTHUR LOBO D'ÁVILA, *A descoberta e conquista da Índia pelos portugueses: romance histórico*; F. DA FONSECA, *Viagem maravilhosa: romance histórico* (1907).

<sup>4</sup> Dado que tal estudo diz respeito somente à narrativa de aventura com cenário exótico, não foi levada em consideração a vasta produção de obras para-históricas ambientadas em Portugal, durante a Reconquista, a crise de 1383, a Restauração, a invasão napoleônica e as guerras civis da época liberal.

<sup>5</sup> *Perdida entre as solidões da Amazônia; Nas florestas virgens; A jiboia das cavernas.* (SALGARI, 1999).

<sup>6</sup> Nota da Tradutora: “Caramuru” é também a alcunha atribuída a Diogo Álvares Correia pelos índios Tupinambá, na região brasileira hoje conhecida como Bahia, e significa “o criador de fogo”, por conta da arma de fogo que ele levava consigo e o lume que ela provocava ao disparar um tiro.

<sup>7</sup> Todas as citações da obra de Daglio foram retiradas da edição de 2003, presente nas Referências bibliográficas.

<sup>8</sup> “Eram palmeiras gigantes, com mais de sessenta metros de altura” (SALGARI, 2003, p. 61); “uma temperatura sufocante, que tornava a respiração difícil como o ar não pudesse mais circular entre aqueles aglomerados de folhas gigantes.” (SALGARI, 2003, p. 110).

<sup>9</sup> “Bastões incomensuráveis começavam a tomar o lugar das palmeiras, em tufo enormes” (SALGARI, 2003, p. 62); “espremido por enormes trepadeiras e arbustos de raízes muito grandes” (SALGARI, 2003, p. 117).

*enorme*<sup>10</sup>, *colossale*<sup>11</sup>, *infinito*<sup>12</sup>. Além disso, não há dúvidas de que seja uma terra de uma beleza paradisíaca – “devemos ter desembarcado às margens do paraíso terrestre” (SALGARI, 2003, p. 41), exclama muitas vezes o garoto Garcia, maravilhado com o exuberante esplendor daqueles lugares ainda desconhecidos.

No entanto, em Salgari, o Brasil é também uma terra plena de imprevistos, na qual os protagonistas estão constantemente em perigo. Já foi salientada a tendência salgariana em ver canibais por todos os lados (BORRI, 1998, p. 161–170), no entanto na obra *O homem de fogo* os pesadelos com o ato de devorar (antropofágico ou animal) que perpassam a obra do escritor italiano atingem níveis dificilmente igualáveis; no interior do romance dividido em trinta e dois capítulos, os protagonistas arriscam ser mortos e devorados a todo momento: pelos peixes-cão, duas vezes por uma enorme jiboia, por morcegos vampiros, pelos jacarés, por um bando de javalis americanos, por peixes piranha, por uma anaconda, pelas formigas tanajuras, por um jaguar negro, por uma onça e, enfim, também por vorazes bichos-do-pé! Sem falar da perseguição contínua por parte dos canibais, divididos entre a tribo dos Aimorés – “os mais ferozes índios que habitam as selvas brasileiras e não poupam ninguém” (SALGARI, 2003, p. 123) – e a dos Caetés – que “são bem piores que os Aimorés” (p. 225). Se à lista se acrescenta também o perigo de ser engolido antes pelas ondas do mar durante o naufrágio inicial e depois, mais vezes pelas areias movediças, temos que concordar com Diogo Álvares Correia, quando ele afirma: “Que sejam todos ávidos contra as nossas polpas e famintos de carne branca neste maldito país! A coisa começa a se tornar um pouco cansativa” (p. 38).

A imagem do Brasil de Salgari é, portanto, ambígua: o paraíso brasileiro é, mais uma vez, infernal e a leitura do romance se afrouxa por meio de uma sequência de situações antitéticas, caracterizadas, respectivamente, pela beleza da natureza e pela bondade dos seus frutos (nos motivos estáticos e descritivos), ou então, pelo perigo e voracidade de seus habitantes (nos episódios narrativos, dispostos em base de uma lógica distributiva dos eventos inverossímeis, que obedece somente a um princípio de rentabilidade diegética para satisfazer uma constante necessidade de *suspense*<sup>13</sup>). Uma condição oximórica do espaço brasileiro expressa eficientemente por meio de alguns diálogos especificamente esclarecedores:

— Que país maravilhoso! – exclamou Álvaro, entusiasmado. – Não o havia observado antes, pena, porém, que estas praias sejam habitadas por repugnantes

---

<sup>10</sup> “Era uma floresta de *cuiera*, plantas enormes que produzem abóboras monstruosas” (SALGARI, 2003, p. 110); “uma serpente enorme tinha envolvido-o, construindo um espiral em torno dele e, assim apertava-o até sufocá-lo. Era uma *sucuri* chamado também de *boa anaconda*, a maior entre os répteis brasileiros” (SALGARI, 2003, p. 114); “A *jiboia* era assustadora de se ver. Aquela serpente, que é a maior já vista, superava todas as outras conhecidas, tinha apertado tanto a cabeça do desgraçado, a ponto de não se poder mais ver.” (SALGARI, 2003, 204).

<sup>11</sup> “*summameira colossal*” (SALGARI, 2003, 201).

<sup>12</sup> “Um infinito número de pássaros voava entre aqueles vegetais; e em meio às videiras do convólculo miríades desses pequenos pássaros vagos se agitavam *beja flores*” (SALGARI, 2003, p. 62); “um infinito número de cipós serpejavam em todas as direções.” (SALGARI, 2003, 201).

<sup>13</sup> A consequencialidade sintática rígida e inverossímil do enredo de *L'uomo di fuoco* – romance no qual se privilegia a natureza meramente instrumental de cada simples episódio, às custas da plausibilidade semântica da organização da trama – torna esta obra salgariana exemplar pela estratégia compositiva folhetinesca. A este propósito, se sugere ver: Calabrese (1995).

antropófagos, que dizem terem uma paixão particular pela carne dos homens brancos (SALGARI, 2003, p. 15).

Nós devemos ter desembarcado sob as margens do paraíso terrestre, – respondeu o garoto.

— Belo paraíso no qual os habitantes de duas pernas são mais ferozes que os leões e os tigres que habitam as selvas e os desertos da Ásia e da África (SALGARI, 2003, p. 41).

— O país da fartura e do bom tempo, – disse Álvaro sorrindo. [...]

— E onde também se corre o perigo de ser comido como um frango (SALGARI, 2003, p. 235).

Pelo ponto de vista narrativo, o Brasil que é apresentado pelo romancista italiano é um espaço para ser atravessado, uma espécie de parênteses fora da história. Os desafortunados naufragos salgarianos desejam atingir o mais rápido possível a cidade espanhola que fica na costa venezuelana: “Com duas armas de fogo nós seremos invencíveis e procuraremos atravessar a América até os estabelecimentos espanhóis. Não tenho desejo algum de acabar minha vida entre estes antropófagos nojentos” (SALGARI, 2003, p. 199) e “– Então meu caro, iremos em direção à costa, e com um bote subiremos para o norte, até encontrarmos os estabelecimentos da Venezuela” (p. 239).

Não pode ser, portanto, casual que, como já havia feito Júlio Verne, Salgari também (no conto intitulado “Perdida entre as solidões dos Amazonas”) tenha se interessado pela conhecida história de Isabel Godin Des Odonais, a aristocrata peruana que, por volta de 1769, partiu do Peru em direção à Guiana francesa para encontrar o marido, encarando uma longa viagem, passando pelo Brasil, cheio de todos os perigos, no qual todos os membros da expedição encontraram a morte, exceto essa mulher, que conseguiu, como escreve admirado Salgari, “atravessar a pé todas as florestas imensas que separam o Peru da foz do maior rio do mundo, o imenso Amazonas.” (SALGARI, 1999, vol. I, p. 51).

Para o romancista italiano, portanto, a viagem por dentro do Brasil não é senão uma parte para unir duas extremidades civis<sup>14</sup>, separadas por um interminável caos de barbárie<sup>15</sup> no qual vive o obstáculo principal ao progresso: o índio. Por outro lado, no *O homem de fogo*, Emilio Salgari descreve os índios, repondo muitos dos elementos próprios da imagem

---

<sup>14</sup> As cidades de Iquitos e Belém mas também as duas caravelas (aquela portuguesa, naufragada ao largo da costa brasileira, e aquela francesa, que reconduzirá *Caramuru* e a mulher Paraguaçu à França) que, no romance salgariano, representam a extrema ramificação da Europa no Novo Mundo.

<sup>15</sup> “A sua corrida não durou mais que uns quinze minutos, já que rapidamente se viram obrigados a diminuí-la por conta das dificuldades inumeráveis que lhes apresentava aquela floresta, tornada, de uma hora para outra, um verdadeiro caos de arbustos, de troncos, de cipós e de raízes imensas.” (SALGARI, 2003, p. 53); “Era também mais entrelaçada, sendo composta por uma infinita variedade de plantas que cresciam confusamente umas ao lado de outras, unidas por grandes cipós, por arbustos e por raízes enormes que surgiam por todas as partes, não encontrando mais lugar no subsolo” (SALGARI, 2003 p. 117); “A floresta [...] era um caos de palmeiras de todas as espécies, de *jatolá* enormes, de *summameira* colossais; de *bombanasse*, de *massarandube*, etc. que cresciam uma sobre as outras, envolvidas entre um número infinito de cipós que serpejavam em todas as direções.” (SALGARI, 2003, p. 201); “As duas tribos procediam sem ordem alguma, em fileiras apertadas, unidos a cem metros uma da outra, colocaram mão aos arcos e às gravatanas flechando-se reciprocamente.” (SALGARI, 2003, p. 246).

tradicionalmente negativa do indígena brasileiro, constituída na sequência da descoberta dos hábitos antropófagos praticados pela população que habitava a Província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil: reencontramos, então, uma justificativa ao canibalismo meramente ligada à gula [“– Questão de hábito e de costumes senhores, – Respondeu Diaz. – Nós comemos bois e novilhos, aqui se devoram os homens como se fossem bifés” (SALGARI, 2003, p. 235)]; a referência à condição de beligerância contínua vigente entre estas populações vingativas, que invalida a visão do Brasil como paraíso pacífico [“o espanto não durou muito naqueles selvagens habituados a viver em contínua guerra entre tribos” (p. 31)]; a natureza ingênua e feroz de uma humanidade fechada num estágio evolutivo infantil e animal [“Um espanto impossível de ser descrito tinha se apoderado daqueles ingênuos, por mais que fossem filhos ferozes das florestas americanas” (p. 30)]. Salgari repropõe, portanto, mais de quatrocentos anos depois da descoberta do Brasil, uma redução do índio à esfera animal [“são feras ferozes aqueles e não homens” (p. 19)] – na qual mantém o aumento progressivo da animalidade enquanto o europeu se afasta da costa e entra em contato com as populações do interior – que o aproxima das posições de alguns dos primeiros intérpretes do Brasil do século XVI; se, naquele século, era ainda possível falar em termos de mal-entendido do Outro, nos primeiros anos do século XX, é provável que se deva muito mais reconhecer uma estratégia especificamente para-literária, volta a despertar o interesse do leitor mediante a apresentação de uma realidade um tanto estranha e desconhecida<sup>16</sup>. Como, de fato, lembra Charchatov:

Salgari, bem na base de seus romances de aventura, coloca material pouco estudado, tomado por uma realidade por si mesma plena de elementos capazes de despertar o interesse elevado que, normalmente, nos romances de aventura nasce de uma trama complexa [...] A invenção é compensada pelo exotismo (VIGLONGO, 2003, p. XI).

A partir do ponto de vista da imagem do Brasil que apresenta, *O homem de fogo* veicula uma ideologia precisa: o Brasil do século XVI, com o qual se confronta Diogo Álvares Correia, é um caos infernal somente porque o homem branco não pode ainda imprimir nele a própria marca, inscrevendo-o na história, para fazê-lo, não deverá ir além de se servir da técnica que já domina (o arcabuz e a pólvora) para remover o obstáculo principal à sua obra de europeização do Outro: o índio. A aventura salgariana nasce deste choque e se conclui com a elevação da parte dos Tupinambás do aventureiro português como seu grande chefe.

Não basta, portanto, reconhecer esporadicamente a coragem e a habilidade formidável das populações locais para isentar Salgari por uma visão colonialista e, algumas vezes, um

---

<sup>16</sup> A tendência salgariana em privilegiar o elemento exótico se encontra novamente, entre outras, nas “falsas analogias” que continuamente propõe aos seus leitores jovens. Um procedimento que, em verdade, deveria esclarecer a natureza do objeto ou do animal desconhecido, é usado não tanto para reduzir o desconhecido ao conhecido, mas para dobrar as referências exóticas, remetendo o leitor a uma realidade um tanto desconhecida mas geograficamente diferentes: “Eram os suberbos *canindê*, pareciam as cacatuas australianas e eram grandes como papagaios” (SALGARI, 2003, p. 41); “Um animal que tinha a estatura de um lobo siberiano” (p. 222); “Era um jaguar soberbo, quase tão grande quanto um tigre malaio” (p. 313).

pouco racista<sup>17</sup>. O romancista italiano celebra o triunfo do século XIX, da ciência e do saber europeus, o domínio do homem branco sobre o planeta e a sua vitória sobre a natureza ainda indomada e selvagem. O Brasil salgariano é um paraíso imerso no líquido amniótico da humanidade<sup>18</sup> que, no entanto, per nascer na História, deve necessariamente ser arrancado de seus habitantes.

À margem destas considerações, porém, não se deve deixar de lado que, apenas vinte e cinco anos depois da publicação de *O homem de fogo*, Freud atribuiria ao progresso um elevadíssimo preço, reconhecendo como os colonizadores também não poderiam eximir-se de pagar as despesas. Falando da sociedade neurótica, o autor de *O mal-estar na civilização*, chegará, de fato, a colocar em dúvida o valor aos objetivos da felicidade individual da civilização, mostrando como o progresso civil se paga sempre com a perda da felicidade do indivíduo, oprimido, pelo aumento do sentimento de culpa<sup>19</sup>.

O otimismo salgariano pertence, no entanto, a uma outra época. Muito mais vizinho a Kipling que a Freud, o seu Brasil é ainda um fardo que o homem branco tem o dever de liberar daquela “gente inquieta e desenfreada – povos sombrios e há pouco cativos – meio demônios e meio crianças” (KIPLING, 2002, p. 127).

DE MARCHIS, G. “In this country are all devorators of men”: the adventurous Brazil of Emilio Salgari. **Olho d’água**, São José do Rio Preto, v. 11, n. 1, p. 126–133, 2019. ISSN 2177–3807.

## Referências

BIANCHINI, A. *La luce a gas e il feuilleton: due invenzioni dell'Ottocento*. Napoli: Liguori, 1988.

BORRI, C. Il mondo alla fine del mondo: Emilio Salgari e Luis Sepúlveda in viaggio fra Patagonia e Terra del Fuoco. In: VIGLONGO, G. F. *Quaderni Salgariani*. Vol. 1, Torino: Astilibri, 1998. p. 161–170.

---

<sup>17</sup> “– Garcia, meu amigo, – disse o senhor Correa, – se nós tivermos que enfrentar aqueles selvagens, não sei como nos arrançaremos. Os homens que desafiam perigos similares devem ter a coragem para vender também a nós. [...] Se Pizarro e Almagro tivessem desembarcado aqui em lugar de no Peru, não teriam assim facilmente conquistado tantas regiões. Os incas, em comparação a estes selvagens, eram coelhos, se não pior.” (SALGARI, 2003, p. 51); “– Fez uma bela escola sobre os selvagens! Os selvagens! Eh! Eles sabem mais que nós e podemos, por agora, chamá-los mestres... dos europeus” (p. 160).

<sup>18</sup> “*O homem de fogo* é um romance de pura aventura rica de imprevistos e de emotividade, sempre sob o mesmo cenário, e deixando à parte os rituais macabros do canibalismo, o Brasil aqui apresentado é um verdadeiro Éden, de dar vontade de mergulhar no líquido amniótico da humanidade, no paraíso terrestre bíblico onde a natureza e o homem vivem em perfeita simbiose as suas respectivas partes.” (Viglongo, 2003, p. VIII).

<sup>19</sup> “Se o ensaio não é também bem construído, corresponde perfeitamente ao objetivo de apresentar o sentido de culpa como o problema mais importante da não civilização e de demonstrar que o progresso civil tem um preço, pago com a perda da felicidade à medida que aumenta o sentimento de culpa.” (FREUD, 1975, p. 269).

CALABRESE, S. *Intrecci italiani. Una teoria e una storia del romanzo (1750-1900)*. Bologna: Il Mulino, 1995.

DAGLIO, C. *Caramuru, l'uomo di fuoco*. Prefácio. In: SALGARI, E. *L'uomo di fuoco*. Torino: Viglongo, 2003. p. XXIII–XXXIX.

FREUD, S. *Il disagio della civiltà e altri saggi*. Torino: Boringhieri, 1975.

KIPLING, R. Il fardello dell'uomo bianco. In: \_\_\_\_\_. *Poesie*. Milano: Mursia, 2002. p. 126–129.

RÊGO, M. & CASTELO-BRANCO, M. *Antes das playstations*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2003.

SALGARI, E. *Racconti. Tutti i racconti del Capitano Guido Altieri pubblicati nella Bibliotechina Aurea dell'Editore Salvatore Biondo di Palermo*. 3 vol., Torino: Viglongo, 1999.

\_\_\_\_\_. *L'uomo di fuoco*. Torino: Viglongo, 2003.

SUE, E. *I misteri di Parigi*. Vol. I, Milano: Mondadori, 1996.

VERNE, J. *La Jangada. Huit cents lieues sur l'Amazone* (1881), tr. it. *La jangada. Ottocento leghe sul Rio delle Amazzoni*. Milano: Mursia, s.d.

VIGLONGO, G. F. *Quaderni salgariani*. Vol. 1, Torino: Astilibri, 1998.

\_\_\_\_\_. L'editore al lettore. In: SALGARI, E. *L'uomo di fuoco*. Torino: Viglongo, 2003, p. XI–XXI.

Recebido em: 15 dez. 2018

Aceito em: 18 jan. 2019